

ENTREVISTA DOSSIÊ “HISTÓRIA SOCIAL DO FUTEBOL”

ENTREVISTADA: LÍVIA MAGALHÃES¹

Georgino Jorge de Souza Neto²

Danilo Barcelos³

Ildenilson Meireles⁴

Recebido em: 31/05/2025

Aprovado em: 26/06/2025

Dossiê Caminhos da História: Como você percebe o lugar ocupado pelo futebol no campo da historiografia brasileira, pensando em percurso e na atualidade? Ou seja, como o futebol se insere no campo da História ao longo do processo de constituição desse campo?

Lívia Magalhães: Bom, entendo que hoje ele já é muito mais aceito, eu o vejo como consolidado. A gente tem inclusive, e felizmente, quase todas as regiões do Brasil em universidades importantes, não só universidades públicas, mas também universidades privadas,

¹ Professora Adjunta de História do Brasil República do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Possui graduação e licenciatura em História pela Universidade Federal Fluminense (2005). Mestre em Estudios Latinoamericanos pelo Centro de Estudios Latinoamericanos da Universidad Nacional de San Martín, Argentina (2008). Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (2013). Pós-Doutora em História na Unimontes/MG (Bolsista Capes 2014-2016) e na Universidade de Paris-Est Marne-la-Vallée (Bolsista Capes dezembro 2017- março 2018). Foi pesquisadora temporária do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI), responsável pelo projeto "Diplomacia do Esporte" (janeiro-julho 2013). Publicou "Histórias do Futebol" (2010) pelo Arquivo Público de São Paulo; "Com a Taça nas mãos" (2014) pela FAPERJ/Lamparina. Organizou as obras "Lugar de Mulher - Feminismo e Política no Brasil" (2017, Editora Oficina Raquel) e "Futebol na sala de aula: jogadas, dribles, passes, esquemas táticos e atuações para o ensino de Ciências Sociais e de História" em parceria com Rosana da Câmara Teixeira (2021, Eduff). É Jovem Cientista Faperj desde maio/2022 e coordenou o projeto "Memória e cidade: estádios de futebol no Rio de Janeiro, Niterói e São Paulo (1937-1950)", contemplado pelo edital Universal Cnpq/2021.

² Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais, professor efetivo do Departamento de Educação Física e Desporto da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Email: netogeorgino@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9375-0438>.

³ Doutor em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professor do Programa de Pós-graduação em Letras – Estudos Literários, do Programa de Pós-graduação Profissional em Letras (PROFLETROS) e do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Email: danilobarceloslit@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9699-9909>.

⁴ Doutor em Filosofia. Professor do PPGDS/Unimontes e do Departamento de Filosofia da Unimontes. E-mail: meirelesildenilson@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0528-727X>.

estudando futebol, organizados em grupos de pesquisa. Às vezes a gente fica tentando juntar forças para criar mais e mais. Então eu acho que nesse sentido está bem consolidado, mas não foi um trajeto fácil. Até hoje, eu pelo menos assim vejo, a gente manda alguns editais e muitas vezes você percebe que existe certo preconceito. Acredito que não só pelo tema, por ser o futebol, mas também a ideia de que seja um tema da historiografia, da sociologia, da antropologia, até da comunicação social e tudo mais. Ou seja, em que sentido a gente pode falar em uma história do esporte como um campo de disciplina? Já tive colegas que perguntaram num primeiro momento, logo que eu entrei na Universidade Federal Fluminense: mas existe um campo de história do esporte? E eu disse: sim, existe! E acho que no caso do Brasil a gente pode inclusive falar de um grande campo de história do futebol, não é? Porque isso é um reflexo da nossa sociedade mesmo, é muito difícil falar em outros esportes além do futebol em termos de pesquisa. Penso que isso seja fundamental. Mas o que eu acho mais interessante, que é uma coisa que eu tenho refletido há algum tempo, quando eu entrei na faculdade de História, eu dizia que eu queria estudar América Latina; eu por acaso estudava América Latina na escola, que não é uma coisa muito comum, não é? Então eu comecei a ler livros da América Latina com certo fascínio. Era o que eu queria estudar na faculdade de História no primeiro momento. Então eu não estudei futebol na graduação, sabe? Eu começo a estudar futebol no Mestrado na Argentina com o Pablo Alabarces, que eu conheci durante o Mestrado; mas quando eu decidi mudar de tema, me indicaram: olha, vai conversar com ele, que até hoje é um grande amigo, muito querido. Eu falo que ele é responsável por tudo isso, que se der errado a culpa é dele (risos). Mas o Pablo Alabarces não é um historiador, né? Ele na verdade é formado em Letras (se não me engano), e é sociólogo também. Então no meu primeiro contato ali eu consegui juntar duas coisas que para mim pareciam ser muito difíceis no campo da historiografia, que era uma interdisciplinaridade, né? Eu acho que no Brasil isso é muito forte, nós historiadores somos muito afastados. Por exemplo, os nossos concursos na História são muito fechados, quase todos você tem que ter graduação, mestrado e doutorado em História, né? A gente tem uma dificuldade de diálogo mesmo com outras disciplinas. Então eu acho que isso é muito importante para a historiografia, ampliar as possibilidades de diálogo com outras áreas do conhecimento. Eu falo isso para os meus colegas que não estudam esporte, sabe? Eu agora, depois de quase 20 anos estudando futebol, finalmente (há pouco tempo), eu comecei a ter um diálogo maior com a Europa. A partir de autores latino-americanos, eu comecei a chegar à Europa. Então eu penso que o campo hoje, como eu já disse, está consolidado. Acredito (pelo menos na UFF), que já tivemos o interesse maior dos alunos no primeiro momento, foi um *boom* de trabalhos, quando tiveram pessoas para pesquisar, especialmente com o Marcos

Alvito. Depois, o Alvito acabou se afastando um pouco da questão do estudo do futebol. Aí eu entrei, e também entrou o Renato Coutinho. Então a gente tinha ali na área da historiografia todo semestre pelo menos dez pessoas estudando futebol. Não é uma coisa tão gigantesca no nosso universo, mas é muita gente. Todo semestre tem alguém entrando no Mestrado ou Doutorado. Então penso que o futebol se consolidou como um objeto de pesquisa. Tanto que a gente está repensando o laboratório Brasil Republicano, o laboratório fundado pelo professor Jorge Ferreira. O Jorge Ferreira mesmo conversou com a gente, dizendo que precisávamos pensar nessa área do esporte. Tanto que eu e o Renato falamos: "Puxa, é legal a gente dentro de esse laboratório criar esse espaço e não ter que se separar para estudar o futebol, né?" Então a gente tem conquistado assim, digamos, um espaço que eu acho que é muito importante. E aqui, por exemplo, a gente vê os colegas da Letras participando desse processo, e é muito bom isso, porque não existia esse diálogo, eu pelo menos não conseguia ter esse diálogo tão intenso com outras áreas, salvo talvez a sociologia e a antropologia. Mas eu fico muito feliz que a gente tenha esse movimento hoje, até para justificar quando solicitamos para as agências de fomento, né? Porque a gente vai pedir Pós-Doutorado com a Educação Física e todo mundo olha para mim: o que você está fazendo na Educação Física? E eu respondo: "Gente, a Educação Física fez mais pela historiografia do futebol do que a gente até hoje".

Dossiê Caminhos da História: Quando o assunto é o estudo do futebol na História, a que você atribuiria, nesses 20 anos em que estuda o tema, essa dificuldade de se estabelecer relações dentro da própria área da História e da historiografia? Como pensar o futebol com essa barreira do trabalho interdisciplinar?

Lívia Magalhães: A gente já não tem mais essa dificuldade, mas acho que isso tem muito a ver na historiografia com a mudança da década de 1970, principalmente final da década de 1970, início de 1980, com a Nova História Cultural e principalmente a Nova História Política também. Eu falo muito da importância, por exemplo, dos estudos feministas numa perspectiva de gênero; ou seja, entender a história das mulheres abre uma possibilidade dentro da Academia e não só na historiografia, mas em várias áreas do mundo inteiro, de trazer personagens e temas que não eram considerados de estudo histórico. É uma eterna, digamos assim, disputa da historiografia com o que é um tema para ser abordado. Mas eu também tenho questionado se tudo de fato é história, sabe? Dá-se para pegar qualquer tema como objeto de estudo: por exemplo, vamos fazer a história do copo térmico! Pera aí, né gente? Estamos lidando com uma questão que é fundamental: pesquisa envolve dinheiro público, então precisamos saber a importância do que estudamos. Mas eu acho que o futebol entrava um pouco nesse espaço, de ser pensado como

um tema de menor importância. Você tinha outros temas de importância, sabe? Não foi só o futebol que conseguiu romper com essa visão, mas o tema dos esportes conseguiu superar isso. Outros temas conseguiram: por exemplo, como eu já disse a questão dos estudos de gênero, mas também os estudos raciais. A gente tem estudos raciais como um campo também de pesquisa que eu acho importante, ou ainda questões LGBTQIA+. Outro bom exemplo nesse sentido é o samba: a cultura popular como um todo, e aí o futebol entra nessa compreensão de que a cultura popular também é objeto de pesquisa, e um objeto muito sério. E isso ainda hoje é muito difícil de perceber. Eu quando fazia o meu doutorado, por exemplo: eu estudava futebol, tinha uma menina que estudava funk, sabe? Mas a gente via dificuldade, às vezes assim: em que mesa eu vou entrar na hora de participar de um encontro nacional? Mas então, atualmente eu acho que a gente conseguiu estabelecer que tem sim, muita coisa para falar a partir do futebol e dos esportes. Eu penso que isso é fundamental e muito importante, mas ainda vejo muita dificuldade dessa interdisciplinaridade, tá?

Dossiê Caminhos da História: No artigo de apresentação desse Dossiê, elaboramos um estado da arte dos trabalhos que tematizaram o futebol nos Simpósios da ANPUH, desde o seu início, em 1961. Encontramos apenas 86 registros, sendo que 84 deles a partir do ano de 2001. A que você atribui esse interesse tardio do futebol no principal evento científico da área?

Lívia Magalhães: Aí percebemos como a historiografia demorou em acolher o tema, para aceitar o tema como um objeto de estudo. O primeiro trabalho que é a dissertação de mestrado da Simone Lahud Guedes é de 1977 no Museu Nacional. Uma dissertação de antropologia. E aí a gente só vai ter uma presença maior do futebol a partir de 2001, de trabalhos sendo apresentados no Encontro Nacional de História. Se a gente for ver em outras áreas, existem trabalhos usando metodologia da historiografia muito bons. Eu brinco com colegas de Educação Física que eles são os melhores historiadores do país na Educação Física (risos). Quando a minha orientanda - a Natália Fernandes Peçanha - defendeu uma das primeiras teses de doutorado sobre futebol de mulheres em programas de Pós-Graduação de História, isso foi agora, muito recentemente (2024). Ela vai dialogar o tempo inteiro com trabalhos que a gente tem desde a década de 1990, já ali nos anos 2000, sobretudo, com pessoas da área da Educação Física, principalmente os trabalhos iniciais sobre o futebol de mulheres, sobre a prática e a questão da proibição. E eu sempre faço inclusive essa *mea culpa*. Acho importante essa autocrítica. Eu falo com meus alunos que defendi a minha tese de doutorado em 2013, falando sobre a Copa de 1970 no México masculina e a de 78 na Argentina masculina também. Eu não tenho uma menção sobre as Copas clandestinas femininas em 1970 e 1971 (70 na Itália e 71 no

México). Aí eu digo para eles: “Não mencionei nada, mas provavelmente encontrei, só não tinha o olhar voltado para isso”. Então isso mostra inclusive essa mudança geracional. Eu poderia muito bem ter feito ali em 2013 e falar: “Nossa, olha isso aqui! Que Copa é essa?” Mas essas perguntas não apareceram para mim, e, no entanto já estavam aparecendo para outros pesquisadores. E aí eu acho que entra uma discussão dessa interdisciplinaridade mesmo. A minha interdisciplinaridade naquele momento, ela ainda era muito *ciências humanas duras*, sabe? Tudo bem que tem aí uma questão de circulação que hoje é muito maior, mas eu não estava lendo, por exemplo, Silvana Goellner, que é um dos grandes nomes da pesquisa do futebol de mulheres na área da Educação Física. Então é interessante perceber como essa ideia da gente do campo da historiografia se fechar muito para outros, e olha o resultado aí disso, né? E é impressionante porque até hoje, quando eu falo com algumas pessoas (ontem mesmo eu estava conversando com alguns colegas historiadores), e eles ficam impressionados quando a gente fala da proibição do futebol feminino que aconteceu durante o Estado Novo, que é talvez um dos temas mais estudados da historiografia brasileira (o Estado Novo). Mas a gente não falava sobre a proibição do futebol de mulheres, que era uma coisa que estava ali, no decreto que criou o Conselho Nacional de Desportos e que todo mundo que estudou falava sobre isso, mas a gente da História não olhava para aquilo. Então, mais uma vez, eu penso que isso mostra a importância do diálogo interdisciplinar também. Eu, por exemplo, percebi que a minha tendência tem sido cada vez mais participar de eventos de outras áreas do que eventos da historiografia para dialogar com essa perspectiva interdisciplinar, do que tentar participar dentro de eventos historiográficos de outros temas, digamos assim (que foi o primeiro movimento que eu fiz). E eu vejo isso como algo muito enriquecedor para o meu trabalho.

Dossiê Caminhos da História: E vale destacar, nesse sentido: nessa entrevista aqui, a única historiadora é você, não é? E estamos organizando um Dossiê para uma Revista Científica de História.

Dossiê Caminhos da História: Você citou na sua fala algo que é muito sensível para os estudos do campo do futebol, que é o estudo do futebol feminino. Queremos saber de você, que está agora estudando estádio, se este espaço/lugar/território ainda está muito ligado ao futebol masculino? E também, para além dos estádios, como você percebe o futebol feminino nos estudos históricos, na atualidade?

Lívia Magalhães: A questão do estudo do futebol de mulher, do futebol feminino, eu penso que ele só tende a crescer. Recentemente eu participei de uma banca de monografia sobre uma

presidenta clube de futebol, no caso do Palmeiras. E aí eu falei: “Nossa, que coisa fantástica”. Porque ao mesmo tempo é outro campo que a gente fala muito pouco, né? A gente ainda tem poucos trabalhos sobre dirigentes. E eu tenho contato com uma pesquisadora que tá fazendo doutorado, que estuda dirigentes masculinos. Daí pensei: “Vocês precisam dialogar! Olha que legal era o diálogo que eu não consegui fazer na minha tese”. Óbvio que não significa que ela tenha que dar conta. Eu digo isso para os estudantes: vocês não têm que dar conta de tudo, mas vocês precisam, por exemplo, colocar lá, dizendo: entendo que existe um futebol de mulheres aqui. Sobre isso, como eu disse, não era meu objeto de pesquisa, não tinha que ter falado sobre, não precisava ter falado, mas eu precisava reconhecer que existia. Acaba sendo um apagamento. E um dia, quem sabe, se eu puder rever o meu livro, eu vou rever nesse sentido de fazer uma adaptação. Então, eu acredito que a tendência vai ser só aumentar esse tipo de pesquisa. E sobre a questão das mulheres nos estádios de futebol, elas sempre foram também, não é? Tanto em torcidas como outras formas de participação. Hoje elas aparecem, tem uma maior visibilidade, também como objeto de pesquisa. E cada vez mais têm pesquisadoras que estão olhando para o fenômeno da mulher torcedora, seja nas torcidas organizadas ou não organizadas, de diversas formas. A Rosana da Câmara Teixeira, que é uma das principais referências em estudos de torcidas, sabe? Ela já está estudando mulheres nas torcidas e fazendo trabalhos incríveis. Isso é muito importante, porque pela experiência toda que ela tem no campo, ela acaba trazendo para esses estudos também. Mas ainda vejo muitas dificuldades, principalmente pela ideia de que é uma coisa dos estudos de gênero. De uma forma geral é um espaço masculino, por mais que a gente diga que não é, a gente também pertence, mas ainda é um espaço muito masculino. Por exemplo, essa questão mesmo das reformas dos estádios: a gente fez muitas críticas à arenização e outro dia a gente estava participando de um debate do GEFUT, que foi muito legal porque a gente estava exatamente falando disso, dos trabalhos do Gilmar Mascarenhas, daqueles trabalhos de militância, da importância desse debate, mas também pensando que hoje é muito difícil, principalmente para nós mulheres, não defendermos as reformas. Reforma não precisa ser arenização, não precisa ser o apagamento da memória do estádio. Mas para nós mulheres era muito difícil ir ao estádio de certas formas: a questão das muitas violências; a questão de uso de banheiro, de segurança para as mulheres, essas medidas têm que ser tomadas. Nem toda mudança precisa ser vista de uma forma negativa. Então, esses trabalhos estão começando a aparecer também, essa reivindicação do uso dos espaços, não só para mulheres. Quando a gente fala de gênero, por exemplo, você ser gay, ir a um estádio, ou ser lésbica no estádio, não é um lugar seguro, não é? É preciso sim, ter protocolo, ter um planejamento de entrada e saída, ou de uso do banheiro, essa discussão toda parece muitas vezes uma bobeira,

não é? Mas é um mínimo de respeito, de segurança naquele espaço, passa também por uma questão que é muito mais ampla para a sociedade, que é: quais são as pessoas na sociedade que tem os seus corpos públicos e que têm medo de viver em sociedade? Normalmente são quem? São mulheres, são grupos que a gente considera as minorias, são mulheres, pessoas negras, de grupos LGBTQIA+. Mas quem está tomando as decisões de fazer uma arena, quem está definindo isso, normalmente são homens brancos e eles não vão pensar nisso.

Dossiê Caminhos da História: Em termos de fontes mobilizadas, como é que você percebe essas possibilidades de prospecção das pesquisas sobre futebol? A gente entende que cada objeto vai mobilizar fontes muito particulares. No caso do futebol, como é que você vê essa questão das fontes e quais têm sido mais acessadas e por quais razões? E aproveitando, como é que você também percebe os acervos brasileiros e como eles se apresentam para quem pretende estudar futebol?

Lívia Magalhães: É interessante porque a gente consegue encontrar fonte em quase tudo, com temas que supostamente não teriam. Mas a gente vive também - eu acho que na perspectiva da pesquisa do esporte - algum fenômeno que vem principalmente na pandemia, que é todo mundo agora querer usar jornal o tempo inteiro, sabe? Uma das dificuldades que eu mais vejo em orientar hoje é mostrar para os alunos que muitas vezes eles estão fazendo um trabalho sobre um jornal e seu discurso em relação ao futebol, ao esporte, e não sobre um tema do esporte. Isso é muito válido também, mas, por exemplo: vou falar para um aluno meu que pretende abordar a discussão pela campanha da não profissionalização do futebol na década de 1930. Aí você vai ver, ele só usa o Jornal dos Sports. Eu falei: “Então você na verdade está falando sobre a visão do Jornal dos Sports sobre o tema”. Por quê? Porque foi uma dificuldade muito grande durante a pandemia e a gente tinha muito acesso a esses jornais, não é? Mas na verdade eu acho que a gente tem uma grande oferta de fontes, por exemplo: meios de comunicação de uma forma geral ou o próprio *site* da FIFA. Outro dia eu estava olhando as fontes que a Wikipédia usava para essa questão. Aí você vai lá ao *site* da FIFA, clica, mas a FIFA já tirou do ar. Então essas fontes não estão lá mais. E aparece a mensagem, assim: “você está entrando em um local proibido”. A FIFA ainda faz uma gracinha, colocando a imagem de um árbitro te dando um cartão vermelho. Mas aí você pensa: a FIFA tem o controle desses acervos *online* também. Então é muito difícil você conseguir ter acesso, mesmo *online*. Mas vamos lá: tem o caso da FIFA, que tem muita documentação; mas tem também o Arquivo Nacional, que a gente consegue muita coisa. O que eu acho é que ainda tem uma dificuldade muito grande de ter acervos específicos sobre esporte. A gente vai ter que se virar procurar palavras-chaves,

procurar outras estratégias de busca para encontrar o que se deseja ir por outros caminhos. Tem um acervo que é pouco usado, que eu sempre falo para os alunos, que é a legislação. Quando eu trabalhei a Copa de 1978, eu consegui ter acesso à legislação na Argentina, que foi fundamental, porque era ela estava organizando a Copa, e era uma ditadura. Ou ainda o próprio decreto-lei que proíbe o futebol de mulheres. Então eu penso que a legislação é uma fonte fundamental. Cada vez mais também a História Oral, não é? Sobre depoimentos orais o Museu do Futebol, em parceria com a Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, fez um trabalho maravilhoso sob a coordenação do Bernardo Buarque de Hollanda. Todo esse material já pode ser acessado. O Comitê Olímpico Internacional também possui um ótimo acervo. Mas claro, a gente sabe que essas fontes são todas já pré-selecionadas. Essa é uma questão que eu sempre digo. Por exemplo: cada pessoa que foi na FIFA, se a gente pedir o mesmo tema, cada um recebe uma coisa diferente. Eu mesmo tive a oportunidade duas vezes. A primeira vez que eu fui pesquisar sobre a Copa de 1970, eu recebi muita coisa. Depois eu descobri que a funcionária que me atendeu já estava em aviso prévio, então ela meio que liberou muita coisa. Isso era 2012. E aí eu voltei em janeiro ou fevereiro de 2018, para pedir outro tema e me entregaram caixas de correspondência da Argentina e do Uruguai. E eu falei: "você tem essas caixas do Brasil também?". E eles têm. E eu pensei: "puxa, eu não tive acesso a essas caixas quando eu estava pesquisando naquele momento, né?" Então tem vários fatores: a gente sabe que às vezes essas caixas poderiam ainda sendo trabalhadas; a gente sabe que pode ser que não queriam mesmo me entregar àquelas caixas, né? Pode ter sido um erro, também. Eu só sei que eu saí que nem louca digitalizando tudo (risos). Encontrei, por exemplo, um documento que eu considero fundamental, que é uma correspondência em que o chefe de imprensa da FIFA fala em 1976 que para a FIFA pareceria que as coisas iriam melhorar após o golpe [na Argentina, em março de 1976]. Então isso para mim foi um grande achado, a FIFA escrevendo isso em um documento. E aí a gente chega num outro ponto que são os arquivos privados de clubes e federações. As vezes que tentei entrar em arquivo da CBF, eu fui tratada muito mal (aí entra uma questão de gênero, tipo: ah, menininha, não sei!); era doutoranda e me mandavam procurar tudo nos jornais, dizendo: "é só você pesquisar nos jornais, né?". Nos clubes a gente sabe que é difícil. Aqui no Rio tem uma tradição inclusive de muitos trabalhos sobre o Vasco da Gama, isso tem a ver com o fato do Francisco Carlos Teixeira ter conseguido uma bolsa da FAPERJ e ter começado a organizar o acervo do Vasco ali no início da década de 2000. E o Vasco tem um acervo importantíssimo, que hoje inclusive eles disponibilizam muita coisa *online*. Não digo exatamente que seja um museu, mas de um acervo científico relevante sobre o Vasco, o que fez com que muitos pesquisadores fossem estudar esse clube, que era o que possuía um acervo

maior e mais organizado. E agora tem outros clubes que começam a olhar para isso, mas já de uma perspectiva também muito diferente, porque não é o olhar do pesquisador, é diferente, não é? O Francisco Carlos faz aquilo ali dentro com uma perspectiva de um acervo documental. Hoje a gente tem dificuldade, eu visitei o Flamengo e eles estão com um projeto muito bom de museu. O museu em si é aquela coisa de primeiro mundo de futebol, tá? Mas a questão do acervo mesmo de pesquisa, eles conversaram com a gente e falaram: “Olha, não vai ser um acervo livre, aberto, porque é um clube de futebol”. E eles têm uma justificativa que eu comprehendo para a percepção deles, que é, por exemplo, pode vir alguém aqui pegar e usar um documento para fazer um argumento contra o clube, o que pode gerar um problema. É o grande argumento que a gente tem, não só quando pensa em esporte, mas, por exemplo, teve esse debate quando se falava do uso de biografias, quem pode ter acesso a determinada documentação de determinada pessoa, ou ainda: que trabalho você vai fazer sobre isso? E para nós pesquisadores isso é um desespero, né? Porque a gente fala que a nossa função não é falar bem e não é também necessariamente falar mal. O trabalho com a CBF é muito complicado, porque a CBF usa dinheiro público. Então eu penso que se você está envolvido com dinheiro público, tem que ter uma abertura de arquivos, não é? É muito complicado, mas ao mesmo tempo penso que seja uma grande discussão para o pesquisador - e aí o historiador fica ofendidíssimo com isso - que é o fato de que nós, historiadores, não detemos o monopólio do uso dos arquivos, das fontes e da memória. E lidar com isso é muito difícil, porque aí você não consegue, por exemplo, entrar no arquivo, mas vai um jornalista que tem um bom contato, que tem uma proposta de um livro que não faz críticas, mas que é um livro de exaltação, e aí ele consegue acessar essas fontes e a gente não. Mas até hoje eu acho que a grande dificuldade que a gente tem com as fontes são os acervos privados de clubes e entidades.

Dossiê Caminhos da História: Quem tem o arquivo tem o poder, não é? Pensando a partir desse poder, você consegue fazer uma relação do futebol na formação identitária local de algumas comunidades? Como você percebe essas relações identitárias menores, mais à margem? E também na construção de uma identidade clubística mais fortalecida em detrimento de uma perda do elã identitário nacional, com a propalada crise da Seleção Brasileira?

Lívia Magalhães: Sobre a crise da seleção brasileira, eu pergunto: quando ela não esteve em crise? Porque para o jornalismo ela está sempre em crise. Mas agora, de fato, eu entendo que a gente está vivendo uma crise de identidade com ela. Eu que estudei tanto tempo a seleção brasileira, vejo muitas pessoas perguntando, em dias de jogos da seleção: “mas hoje tem jogo do Brasil”? Eu sinto falta, vocês também devem sentir, né? Da gente se juntar para ver os jogos

da seleção, de ser o assunto da semana. Era um grande evento, não é? Em recente conversa com o Pablo Alabarces, ele me disse assim: “acho impressionante como cada vez que eu vou ao Brasil vocês estão mais afastados da identidade da seleção”. Tem a ver com o contexto político também, né? Acho que tem a ver com o uso da camisa em manifestações políticas como foi, mas também com o resultado da seleção em campo. A gente sabe que o futebol é isso, né? A gente tem vivido também o dilema da identidade hoje em grandes clubes. Vejo colegas falando: “a gente torce pelo nosso clube, aí você vai ver e o clube faz manifestações horrorosas, é um clube muito conservador, desrespeita o torcedor, mas ganha. Então a gente continua torcendo, né?”. Essa é uma demanda muito grande do torcedor. Então assim, você continua mantendo uma identidade clubística em função do seu passado mesmo, de grandes vitórias, e isso mantém o vínculo do torcedor com o clube, que continua indo e acompanhando os jogos. Porque a gente é torcedor, e se não tem mais seleção para torcer, isso reforça cada vez mais a relação com os clubes. E os próprios clubes percebem isso. Hoje com as redes sociais cada vez mais os clubes vão definindo e demarcando os seus posicionamentos. Eu tenho uma aluna vascaína que agora quer estudar o seu time. Acho complicado. Falei: “como assim?”. Eu nunca tive coragem, acho muito complicado separar esse tipo de relação. Mas eu disse para ela que é preciso ter a cabeça fria do pesquisador. Por exemplo: a pessoa quer estudar o Vasco como time do povo, com a questão racial e tudo mais. Não estou dizendo que não aconteceu, mas o Vasco também optou por defender essa memória, que eu acho muito válida e legítima. Eu, como vascaína, fico muito feliz por essa opção do Vasco de defender uma memória inclusiva, de colocar lá na camisa LGBTQIA+ na faixa, tudo isso. Mas o que leva o Vasco nesse momento a defender essa memória? Uma discussão que aparece agora, que até me pediram também uma entrevista, sobre os clubes de futebol e as ditaduras. Quando teve a recente tentativa do golpe, você pode ver o Corinthians e o Vasco sendo os primeiros clubes a se manifestarem. Então a gente vai dizer que a diretoria do Vasco é de esquerda? Não!! Pelo contrário, a diretoria do Vasco hoje é uma diretoria que inclusive apoiou a eleição do Bolsonaro. O presidente do Vasco é um presidente que a gente sabe que não é de esquerda, mas a memória do Vasco consolidada ali, isso pegou, isso deu certo. E que bom que isso deu certo. Nesse sentido eu vejo cada vez mais essas identidades sendo fortalecidas. Uma experiência que eu tive em 2023, que foi muito legal, quando eu fui dar um curso na pós-graduação na História da Universidade Estadual de Feira de Santana, e os alunos muito orgulhosos me deram uma camisa do Fluminense de Feira de Santana e eu rindo, disse: “gente, essa camisa é igual a do tricolor do Rio, como é que eu vou usar isso?”. E aí eles me deram livros sobre o Fluminense de Feira de Santana. Então: nem todos eles torcem para um clube, digamos, maior; mas todos eles são Fluminense de Feira de

Santana. E é muito legal isso de ver a identidade e o orgulho que eles têm com aquele clube. E eles têm trabalhos publicados sobre futebol em Feira de Santana, sabe? Tem um outro aluno meu que fez um trabalho sobre futebol suburbano. Eu acho isso muito legal, trabalhos com clubes periféricos, como o Bangu; o Bangu é maravilhoso, como eles são apaixonados. E se você for olhar, praticamente todos eles torcem por um clube dos maiores, dos quatro grandes, que a gente chama, mas continuam defendendo inclusive a memória dos seus clubes menores. Você tem ali um trabalho de memória fantástico.

Dossiê Caminhos da História: Como você vê essas micro-identidades pensadas na perspectiva da manifestação humana, como um fenômeno social, para uma abordagem historiográfica?

Lívia Magalhaes: Eu penso que é uma resistência a uma elitização da vida. Porque o que se passa para as pessoas na imprensa, e que eu escuto muito, é que as pessoas agora não gostam mais de futebol, que futebol agora é só dinheiro, futebol agora é só negócio. Só que na verdade existem esses outros futebóis, que sempre estiveram aí, só que eles não tinham espaço para a divulgação que hoje é possível. Existe uma ampliação dessa possibilidade e eles estão retomando um certo protagonismo ali. Por quê? Porque o futebol não é só o grande futebol. Essa é uma parte do que a gente estuda de futebol. Mas tem outras que são importantes e eles são parte de identidades e de uma manifestação cultural que é fundamental, que é a manifestação cultural do corpo, o uso do corpo. A Copa das Favelas, por exemplo: isso é fantástico, porque grande parte desses jogadores vai sonhar claro, com os times grandes. Mas não é o único futebol possível. Eu penso que essa é a grande questão pra gente discutir aqui. O futebol não é um elemento de identidade só quando ele tem uma magnitude nacional ou uma magnitude de grandes eventos do campeonato da série A e tudo isso. Ele é um elemento de identidade, inclusive, da escolinha de futebol dos pequenos jogadores. Os clubes de bairro, que também são clubes de futebol, as pessoas se encontram ali, isso ainda existe. Não acabou ele continua existindo ali, nessa identidade. E é muito difícil manter isso num mundo cada vez mais voltado para o sentido do lucro. Eu entendo que é essa uma preocupação que a gente tem que ter também com a pesquisa de futebol. Nem tudo que a gente vai pesquisar de futebol está relacionado ao lucro dentro da lógica neoliberal. Existem outras possibilidades de estudar futebol que vão ser fundamentais para pensar experiências sociais e que não devem mesmo pensar na lógica do lucro.

Dossiê Caminhos da História: Pensando nessas mudanças e nessas transitoriedades, como você enxerga o futebol no futuro do século XXI? Continuará sendo, como afirmava Hobsbawm, a religião leiga do povo?

Lívia Magalhaes: Olha, eu não sou muito boa de adivinhações, sabe? (risos). Inclusive, espero não errar, mas eu penso que sim, que é muito difícil o futebol deixar de ser o que é. A gente é muito marcado por esse fenômeno, mesmo quem não gosta precisa afirmar que detesta futebol. Acho muito difícil apagar isso, que vai continuar tendo essa representatividade. Ele pode até ser ressignificado, como foi ao longo do século XX, mas não será esquecido nesse próximo século.

Dossiê Caminhos da História: Você escreveu um livro sobre as possibilidades do uso do futebol na sala de aula. De que maneira o futebol pode ser apropriado como estratégia pedagógica da História? Ou, dito de outra forma, como é que a História pode trabalhar o futebol na escola?

Lívia Magalhães: Esse livro é uma parceria com a minha grande amiga Rosana da Câmara Teixeira, que é da Educação - ela é da faculdade de Educação na UFF - e eu sou do Instituto de História, e a gente dialoga muito porque eu também atuo basicamente na formação docente, de futuros professores. E eu me lembro que começou uma discussão muito forte em 2016 do impacto que seria para os nossos alunos terem que trabalhar temas sensíveis em sala de aula dentro do contexto do país. Como você fala de ditadura? Isso em 2016, 2018, em sala de aula. Aí eu lembro que eu conversava com muitos colegas e dizia: “gente, com o futebol você consegue falar de tudo”. Eu realmente acredito que o futebol é um elemento muito importante para sala de aula, porque a gente vive um momento muito difícil, todos nós que somos professores sabemos, não é? É muito interessante que quando eu coloco um texto de futebol, os alunos começam a querer ler. Penso que no momento que a gente tem aí uma crise do nosso método educacional, de uma forma geral, desde o ensino infantil até a universidade, o futebol continua sendo um espaço muito rico para trabalhar vários temas sensíveis, como por exemplo, o direito à memória, racismo, gênero, o debate sobre os direitos trabalhistas, a questão da profissionalização nesse centro de mundo do trabalho. Eu penso que se pode discutir isso de várias formas dentro da sala de aula, um universo infinito para se debater a partir do futebol.